

Chegamos a mais um número de nossa revista, com a colaboração de vários colegas, das mais diferentes regiões do país, mostrando que, a despeito de todas as dificuldades, nossa especialidade caminha passo a passo para firmar-se no cenário científico brasileiro como uma nova área de conhecimento.

Esse fato pode ser visualizado na presença constante de trabalhos na área, em todos os últimos congressos brasileiros, de maneira marcante e significativa.

Coloca-se assim uma nova questão que deve ser discutida após a regulamentação da especialidade realizada pela Associação Brasileira de Psiquiatria realizada em 1997: a questão da formação em Psiquiatria da Infância.

Acreditamos que esse fato deve ser pensado e discutido para que, gradativamente, se homogeneíze a questão da especialidade.

Cremos que, para que se constitua um psiquiatra da infância, a formação mais adequada seria um embasamento em Psiquiatria Geral, uma vez que os aspectos epistemológicos da especialidade são a ela ligados, embora conhecimentos básicos em Pediatria sejam de fundamental importância, uma vez que todo o processo de desenvolvimento físico, bem como todos os aspectos vinculados às doenças somáticas têm fundamental importância na formação do Pedopsiquiatra.

Tudo isso sem que perca a identidade profissional, vinculada em suas raízes, a questão psiquiátrica.

Paralelamente, o desenvolvimento humano, em seus aspectos cognitivos e afetivos, embora muito mais ligado à psicologia do desenvolvimento, tem um papel preponderante, uma vez que se constitui em um dos pilares para que se caracterize a especialidade com toda a sua especificidade.

A Psicopatologia na infância e na adolescência, embora bastante limitada pelas novas classificações que a reduzem, na maioria das categorias nosográficas, a uma mera cópia adaptada da Psicopatologia clássica, se constitui no núcleo da especialidade, totalmente vinculada a uma concepção desenvolvimentista.

A questão terapêutica pode (e deve) ser visualizada sob três aspectos básicos:

a Psicofarmacologia, alvo das maiores preocupações, investimentos e, conseqüentemente, com o maior desenvolvimento nos últimos anos, ocupa um lugar de destaque uma vez que incorpora os progressos advindos das neurociências;

os modelos psicoterápicos, embora criticados pelos mais fervorosos admiradores da, assim chamada, Psiquiatria Biológica, ainda ocupam um lugar de destaque, uma vez que representam a possibilidade de se trabalhar a vivência infantil em sua totalidade;

finalmente, as abordagens familiares ocupam um lugar de importância, uma vez que a criança, com sua heteronomia, depende do contexto familiar para que possa melhor participar de todo um processo terapêutico que é, por suas próprias características, bastante amplo.

Por último, o exercício da Psiquiatria da Infância e da Adolescência tem que ser visualizado com um embasamento filosófico que a caracteriza sob aspectos que se estendem desde a construção de conceitos nosológicos (com a sua eventual crítica) até a sua visão ética.

Acreditamos que, com cuidados constantes, crítica adequada e trabalho incessante, a especialidade possa ser construída e melhorada de maneira a que as próximas gerações possam desfrutar, de maneira mais adequada e consistente, desse processo de crescimento.

Francisco B. Assumpção Jr.